

A natureza do sangue do animal que logo sou

210

Rudião Rafael Wisniewski

Instituto Federal Farroupilha Campus Panambi

Resumo: Este artigo analisa a natureza do sangue humano/animal, a partir do romance *The Nature of Blood*, de Caryl Phillips, incentivando uma reflexão sobre a maldade perpetrada devido a preconceitos que ainda dificultam as relações humanas, e a pretensa superioridade de alguns, tratando os demais como animais – ou pior que isso –, desrespeitando os direitos de outros possuidores da mesma natureza do sangue.

Palavras-chave: Natureza do sangue; humano; animal.

Abstract: This article analyzes the nature of the human/animal blood, from the novel *The Nature of Blood*, by Caryl Phillips, encouraging a reflection on the evil perpetrated because of prejudices which still hinder human relations, and the alleged superiority of some, treating other like animals – or worse –, disregarding the rights of other holders of the same nature of blood.

Keywords: Nature of blood; human; animal.

Qualquer um que diga “eu” ou se apreenda ou se coloque como “eu” é um vivente animal.

Jacques Derrida, *O animal que logo sou*

O sangue é precioso, mais precioso que o ouro e os diamantes. Porque o sangue é único: uma poça de vida dispersa em nós, em existências separadas, mas, por natureza, única; emprestado, não dado; tido em comum, em confiança, para ser preservado; parecendo viver em nós, mas parecendo, apenas, pois na verdade nós vivemos nele.

J. M. Coetzee, *A idade do ferro*

A ficção dá olhos ao narrador horrorizado. Olhos para ver e para chorar. [...] talvez haja crimes que não se devam esquecer, vítimas cujo sofrimento peça menos vingança do que narrativa.

Paul Ricoeur, *Tempo e narrativa*

A constituição do sangue humano é a mesma em qualquer pessoa, e, tomando-se o termo metonimicamente, sangue por vida, pode-se dizer que todo ser humano tem a mesma natureza. Portanto, não se justifica dizer que há superioridade de uns sobre outros. Os algozes também possuem a mesma natureza do sangue de suas vítimas. E se sangue pode significar vida – ou a falta dela, quando este é derramado –, o que dizer dos animais? Seu sangue possui menos vida que o dos seres humanos? Por considerar o animal uma espécie inferior, e alguns humanos tão inferiores quanto tais seres irracionais, é que muitas atrocidades foram cometidas ao longo da história da “humanidade”.

The Nature of Blood, livro do escritor Caryl Phillips, publicado nos Estados Unidos, em 1997 tem um título inspirador para um estudo da natureza humana, “a natureza do sangue”, pois seus termos abarcam uma gama de conotações. Conforme o próprio autor afirmou a respeito do tema, ao ser questionado por Renée Schattemann, em entrevista no ano de 1999: “It is deeply ambiguous because on the one hand it does create family and bonds which sustain but on the other hand, a radical fidelity and loyalty to it creates the very divisions, the very hostilities, the very exclusions that in a sense lead one to find kinship with others” (PHILLIPS, 2009, p. 63)¹. Na sequência, compara sangue à religião, lembrando quantas batalhas e mortes foram causadas por crenças religiosas, contudo, em muitos casos, foram a força para seguir adiante.

¹ “É profundamente ambíguo porque, por um lado cria a família e vínculos que sustentam, mas por outro lado, uma radical fidelidade e lealdade para com ela [a natureza do sangue] cria as divisões, as hostilidades, as exclusões, que em um sentido fazem com que alguém encontre parentesco nos outros” (As traduções deste trabalho são do próprio autor).

Temas paradoxais, por escravizarem e libertarem. “It maybe enslaves the group and liberates the individual” (p. 64)².

Outra reflexão é possível ao se ler um romance onde a alteridade ocupa um papel central: Onde inicia essa alteridade? Quando é que o sangue alheio passa a ser tão “outro” a ponto de não se conseguir mais uma identificação com ele? Se a questão da inferioridade animal conseguia colocar um ponto de quase-compreensão no julgamento – ou irreflexão, vazio de pensamento – que faz vir à tona formas de preconceito, Jacques Derrida, em seu *O animal que logo sou*, incita a reflexão a continuar, a se “desconstruir” as ideias fechadas, os prováveis porquês de atos de violência:

212

O animal em geral, o que é? O que isso quer dizer? Quem é? “Isto” corresponde a quê? A quem? Quem responde a quem? Quem responde ao nome comum, genérico e singular do que eles chamam assim tranquilamente o “animal”? Quem é que responde? A referência do que me concerne em nome do animal, o que se diz assim em nome do animal quando se apela em nome do animal, eis o que se trataria de expor a nu, na nudez ou no despojamento de quem diz, abrindo a página de uma autobiografia, “eis quem eu sou”.

“Mas eu, quem sou eu?”

[.....]

(DERRIDA, 2011, p. 92).

No rastro desse animal/humano, pelo cheiro do seu sangue, ou até mesmo de forma intravenosa, é que se vai refletir, sem pretender uma pura reflexão, como a de um espelho, mostrando a mesma face. Muito melhor é que se analise como o homem nu, observado pelo animal que o vê no espelho derridiano. Ou ainda, que não haja simplesmente reflexão (retorno idêntico), mas refração (mudança no meio), abertura para outras formas de pensamento. Disseminação.

The Nature of Blood é um livro poderoso que, ao analisar o preconceito, não se limita a apenas um momento histórico, lugar ou ponto de vista. Ao contrário, aborda o tema a partir de visão ampla, que engloba mais de seiscentos anos de história, e enfoca dois dos grupos étnicos que mais persistentemente têm sido alvos da discriminação: os negros e os judeus. As quatro histórias que se imbricam, diferentes, mas comparáveis, acrescentam, cada uma, nova dimensão ou nuance

² “Quem sabe escraviza o grupo e liberta o indivíduo”.

à discussão do tema. Os distintos tratamentos dados a cada situação finalmente se encaixam, provendo uma interpretação ampla de possibilidades para discutir o problema – infelizmente – universal e atemporal do preconceito.

A personagem central é uma jovem judia alemã, Eva Stern, cuja vida é narrada desde meados de 1930 até sua libertação dos campos da morte. No decorrer da narrativa, Eva perde sua casa, seus pais, sua irmã, seus poucos amigos e, finalmente, sua sanidade. Outra trama é sobre a vida do tio de Eva, Stephan Stern, que foge da Alemanha nazista ao custo de perder sua esposa e filho, sacrificando a família, a fim de ajudar a fundar uma força militar na Palestina.

Phillips também remonta ao Renascimento, uma época de ouro da cultura europeia, em busca das raízes históricas da intolerância. Reconta a história de um pequeno grupo de judeus do século XV, os quais fogem da perseguição na Alemanha e se instalam na República de Veneza, na cidade de Portobuffolè. Chegam como estrangeiros, e estrangeiros permanecem. Embora tolerados na Itália por emprestarem dinheiro a juros, ainda são temidos por seus costumes “estranhos”. Pouco depois da Páscoa de 1480, moradores acusam os judeus de Portobuffolè de assassinarem um garoto cristão que tinha sido visto andando pela cidade e havia desaparecido, o que resulta em sua condenação.

A Veneza renascentista é também o local de uma outra trama: Phillips reconta a história de Otelo, trazido a Veneza para guerrear contra os “turcos infiéis”. Veneza precisa do general mouro – da mesma forma que da agiotagem dos judeus – para proteger o seu império, mas não espera que ele viole suas barreiras raciais e religiosas.

O romance termina como começa, com uma visão fugaz de Sião. A celebração reúne dois judeus, um branco e outro negro: Stephan Stern, tio de Eva Stern, e uma enfermeira jovem, bonita e desempregada, chamada Malka, que chega à pátria judaica – Israel –, vinda da Etiópia. Dessa forma, unem-se, no final, os dois grupos étnicos a partir dos quais se desenvolve a meditação sobre o preconceito e desrespeito contra o ser humano nesse romance, em que o desejo dos personagens centrais é o da possibilidade de vida e que, em vez da raça, a natureza do sangue, comum a todos, seja levada em conta.

Mas que natureza do sangue é essa? O que é o sangue? Esse líquido vermelho, que corre nas veias ou escorre delas, é visto pelos animais capazes de pensar sua própria natureza, distintamente. Derrida vê seu sangue judeu relacionado com o ritual da circuncisão (*brit milá*), um dos principais ritos da cultura judaica. Como o filósofo “circonfessa” em *Circonfissão*, seu sangue é “circuncisão, vejam o sangue mas também o que advém, cauterização, coagulação ou não, estritamente conter a efusão da circuncisão, a una, a minha, a única, antes a circunavegação ou circunferência” (DERRIDA, 1996, p. 18). O Otelo de Phillips vê seu sangue, que na terra natal era supervalorizado, perder o valor na Europa: “I, a man born of royal blood, a might warrior, yet a man who, at one time, could view himself only as a poor slave, had been summoned to serve this state” (PHILLIPS, 1997, p. 107)³.

Independente de como cada ser humano percebe seu próprio sangue, o que preocupa é a forma como desvaloriza o sangue alheio, a vida alheia, como é capaz de fazer o mal, de ser cruel com quem não considera portador da mesma natureza, aqueles que pensa serem inferiores como os animais. Animais que logo são.

A diferenciação entre homem, portador de humanidade, *versus* animal, besta, monstro, é muito complexa. Mas raramente se questiona cotidianamente, o emprego de frases do tipo: “Que animal!” ou “Nem parece um ser humano!” Como se os animais fossem capazes de condenar seus iguais à câmara de gás e à fornalha, ou outras tantas formas de crueldade apresentadas em *The Nature of Blood*, as quais serão citadas posteriormente.

Se considerar-se humanidade a não-prática de atos irrefletidos, a *Shoah* seria um marco na “desumanização” do *Homo sapiens*. Quando mesmo os “próximos” foram executados forçadamente, pelos seus, a natureza “humana” esteve na eminência de ser peremptoriamente esquecida. Que a SS ou a Gestapo quisessem definitivamente acabar com os judeus, que o imperialismo já havia oprimido os negros, e que tantas outras formas de discriminação, exclusão e violência foram empregadas nos últimos séculos, é assunto de conhecimento difundido. No entanto, ao forçar os judeus a executarem seus próprios companheiros

³ “Eu, um homem nascido de sangue real, um guerreiro poderoso, ainda um homem que, ao mesmo tempo, podia ver-se apenas como um pobre escravo, tinha sido convocado para servir a este estado”.

e familiares, as proporções do dano psicológico tornaram-se absurdas. Que espécie de animal, mesmo diante da necessidade de matar algum da sua espécie, forçaria seus filhotes ou irmãos a fazê-lo?

Sendo a reflexão uma característica própria do ser humano, o vazio de pensamento é uma atividade humana degenerada, que impede as pessoas de se sensibilizarem em relação a seus semelhantes. Independente da situação alheia, o ser irreflexivo ou superficial age de acordo com sua própria necessidade, buscando realização e satisfação pessoal, sem se importar com o que será tirado do outro. Essa atitude tem levado, por exemplo, à usurpação de propriedades, da família, da dignidade e mesmo da vida em certos contextos de exceção, como é o caso de populações submetidas a sistemas totalitários. Como refletiu Hannah Arendt:

215

Foi essa ausência de pensamento – uma experiência tão comum em nossa vida cotidiana, em que dificilmente temos tempo e muito menos desejo de parar e pensar – que despertou meu interesse. Será o fazer-o-mal (pecados por ação e omissão) possível não apenas na ausência de ‘motivos torpes’ (como a lei os denomina), mas de quaisquer outros motivos, na ausência de qualquer estímulo particular ao interesse ou à volição? Será que a maldade – como quer que se defina esse estar ‘determinado a ser vilão’ – não é uma condição necessária para o fazer-o-mal? Será possível que o problema do bem e do mal, o problema de nossa faculdade para distinguir o que é certo do que é errado, esteja conectado com nossa faculdade de pensar? Por certo, não, no sentido de que o pensamento pudesse ser capaz de produzir o bem como resultado, como se a ‘virtude pudesse ser ensinada’ e aprendida – somente hábitos e costumes podem ser ensinados, e nós sabemos muito bem com que alarmante rapidez eles podem ser desaprendidos e esquecidos quando as novas circunstâncias exigem uma mudança nos modos e padrões de comportamento. (ARENDR, 2008, p. 19)

Seria esse vazio de pensamento o motivo pelo qual se perpetra o mal contra os semelhantes? A reflexão não pode parar. Confortar-se com uma resposta definitiva pode contribuir para a vitória da superfluidade. Se é desconfortável pensar nas atrocidades perpetradas pelo nazismo: “Hungry. Angry. Pathetic people clinging meekly to the remnants of their lives and wondering if, through hard work, they might earn the right to live. [...] skin and bone. Faces hollowed, skulls grotesquely visible, temples sunken in...” (PHILLIPS, 1997, p. 162)⁴, mais cruel é pensar

4 “Famintos. Irados. Pessoas dignas de pena agarradas submissamente aos restos de suas vidas

que genocídios são possibilidades ainda existentes no contexto atual da luta pelo poder em todo o globo terrestre. A pena de morte, embora não seja um extermínio em grande escala, também decide sobre o direito à vida – roubado do condenado –, como se a pessoa a ser executada fosse uma subespécie, indigna de continuar vivendo.

No entanto, os campos de concentração foram além. Para demonstrar sua superioridade, os detentores do poder não mediam esforços. Não havia limitações éticas ou morais para a sede de comprovar sua superioridade. Fizeram inúmeras experiências com os judeus. Muitas vezes tratavam-nos pior do que animais, como vermes. O produto usado em câmaras de gás era “Zyklon B – for use against vermin” (PHILLIPS, 1997, p. 176).⁵ Como conclui Arendt:

216

Os campos de concentração não são apenas destinados ao extermínio de pessoas e à degradação de seres humanos: servem também à horrível experiência que consiste em eliminar, em condições cientificamente controladas, a própria espontaneidade enquanto expressão do comportamento humano, e em transformar a personalidade humana em simples coisa, em alguma coisa que nem mesmo os animais possuem. (ARENDETT, 1989, p. 506)

Tal ideologia pode ser observada nas experiências que Pavlov, membro do nacional-socialismo, realizava com seus animais. Pode-se tomar como exemplo, uma delas, feita com seu cachorro:

O cachorro de Pavlov, treinado para comer não quando sentia fome, mas quando ouvia o som de uma campainha, era um animal pervertido. Para que um governo totalitário atinja seu objetivo de controle total sobre os governados, as pessoas devem ser privadas não só de sua liberdade, mas também de seus instintos e impulsos, que não são programados para gerar reações idênticas em todos, mas sempre levam diferentes indivíduos a diferentes ações. O êxito ou fracasso do governo totalitário, portanto, depende, em última análise de sua capacidade de transformar seres humanos em animais pervertidos. De modo geral, isso nem sempre é possível, mesmo sob as condições do terror totalitário. Espontaneidade nunca pode ser inteiramente erradicada, porque a vida como tal e com certeza, a vida humana depende dela. Mas nos campos de concentração é possível extirpar grande parte da espontaneidade ou, em todo caso, se dedica o máximo esforço a extensão as experiências com essa finalidade. Para tanto, evidentemente, as pessoas têm de ser privadas

e imaginando se, através do trabalho duro, elas poderiam ganhar o direito de viver. [...] Pele e osso. Faces ocas, crânios grotescamente visíveis, têmperas afundadas.”

⁵ “Zyklon B – para uso contra vermes”.

dos últimos traços de sua individualidade e transformadas em conjuntos de reações idênticas; têm de ser afastadas de tudo o que lhes conferia identidade e singularidade na sociedade humana. A pureza da experiência ficaria comprometida caso se admitisse, mesmo como uma remota possibilidade, que esses espécimes da espécie *Homo sapiens* algum dia existiram como seres humanos de verdade (ARENDDT, 2008, p. 327-328).

Da mesma forma, os nazistas deviam seguir ordens por plena convicção no governo, pois se o fizessem por vontade própria poderiam, a qualquer momento, mudar de opinião. Como seguidores incontestáveis do sistema totalitário, os alemães envolvidos com o nazismo pensavam não haver vida fora de sua função. Aproveitando-se das raças consideradas, pela natureza ou pela história, como inferiores ou decadentes, e dos infelizes compatriotas que assimilaram sua ideologia, os líderes conseguiram reger a opressão e quase extinção dos judeus na Alemanha, com poder e alcance inimagináveis. No entanto, tais ideologias mantidas “com uma inflexível e inédita coerência” não são invenções de Hitler e Stálin, “são muito mais antigas do que os sistemas em que encontraram plena expressão” (ARENDDT, 2008, p. 329).

Para ser capaz de infligir o mal a seres igualmente possuidores da natureza humana, o perpetrador deve estar destituído do que Carlo Ginzburg chama de “imaginação afetiva” – *Einfühlung* – a qual “transporta para perto da experiência viva de outrem, no modo que Husserl denomina ‘apresentação’ (*Appräsentation*), e que não pode ser igualado a um ‘re-viver’ efetivo” (RICOEUR, 2007, p. 137).

Esse apagamento imaginativo pode ainda ser associado à falha em considerar o outro como próximo, tomando-se o termo como é definido por Ricoeur. É na discussão dos sujeitos de atribuição da lembrança que o autor discute a tríplice atribuição da memória: a si, aos outros e aos próximos. Inicialmente, analisa a aparente contradição entre a coesão dos estados de consciência do eu individualizado e a capacidade das identidades coletivas de conservar e recordar lembranças comuns, optando por explorar os recursos de complementaridade entre essas duas abordagens.

No caso do preconceito racial, consideram-se os indivíduos com a mesma descendência como “próximos”. Aqueles quase como um outro-eu. Quem não faz parte dessa etnia são os “outros”. O resto.

Para afirmar a diferença entre os próximos e os outros, algumas raças são postas em evidência comparativa, destacando-se sua inferioridade. O exemplo mais claro é a diferença expostas pelo nazismo, entre os arianos e os judeus e negros. Como lembrou Elisabeth Roudinesco, em seu diálogo – *De que amanhã...* – com Derrida:

Uma das grandes figuras do racismo, do sexismo e do anti-semitismo sempre foi a inferiorização daquele que se quer excluir do humano e sua estigmatização em virtude de características psíquicas que o remeteriam ao mundo da animalidade. Daí, com efeito, a ideia de que o judeu seria mais ‘feminino’ que o não-judeu, que a mulher seria mais ‘animal’ que o homem, e finalmente que o negro seria mais ‘bestial’ ainda que todos os outros (DERRIDA; ROUDINESCO, 2004, p. 89).

218

Caryl Phillips abordou em seu *The Nature of Blood* um duplo preconceito. Se o judeu é considerado mais feminino e a mulher mais animal, qual o valor de uma mulher judia, como Eva e Margot? Um subanimal? E de uma judia negra, como Malka? Uma sub-besta?

Questões de gênero estão inextricavelmente ligadas a questões de raça e classe, por constarem no mesmo plano da lista dos preconceitos até hoje praticados por uns e combatidos por outros. Ao escolher expor a provação de Eva e de sua irmã Margot, como judias e como mulheres, Phillips parece evitar posições essencialistas. Ecoam no romance, antes, os pensamentos de Simone de Beauvoir (1987, p. 326): “ninguém nasce mulher; torna-se mulher” e de Primo Levi (*apud* LOMBARDI, 2003, p.218): “fizeram com que me tornasse judeu. [...] Antes de Hitler eu era só um adolescente burguês”.

Margot Stern, irmã de Eva, com apenas 17 anos, torna-se vítima da hegemonia e abuso masculino. Antes, porém, passa pela provação do isolamento: é levada para esconder-se na casa de uma família amiga, onde precisa viver no mais absoluto silêncio, no sótão. Lá, enfrenta a mais profunda solidão. Suas únicas companhias são um crucifixo, que ignora, pois não condiz com sua crença religiosa e uma amiga imaginária, chamada Siggie, com quem não se atreve a conversar, para não ser descoberta; da mesma forma, Siggie não lhe dirige a palavra.

Depois, à solidão juntou-se o abuso:

Her hiding father told her that things were very bad, and then one night, when his wife was out, he came to visit her. He looked at her, and touched her, but Margot dare

not scream, for to scream would be betray her hiding place. (Right now you're a very pretty girl, but as you get older your racial character will show.) And then he kissed her, and tried to open her lips with his big mouth, and Margot felt the weight of his heavy hands upon her. How hard this man concentrated as he pushed, the beads of sweat popping on to his brow, individual, evenly spaced. Margot began to count. Siggi said nothing. And then he peeled himself clear of her body and left. Inside she bled, and her mind tumbled down a flight of stairs and struck its head. (PHILLIPS, 1997, p. 175)⁶

A violência praticada pelo dono da casa é ainda mais cruel por tentar justificar a posse masculina sobre o corpo da jovem que estava abrigando e alimentando, como se estivesse fazendo um favor a ela de desfrutar de sua beleza antes que suas características judaicas aflorassem – conforme expresso em *itálico* na citação. Margot, que já estava escondida há mais de um ano, pensando na crueldade enfrentada por seu povo diariamente e em sua amarga solidão, descobre que a maldade humana pode ultrapassar sua imaginação. Da mesma forma, o leitor descobre que tal maldade pode ultrapassar sua compreensão. Com um vazio de pensamento assombroso, o homem que a acolhe passa de benfeitor a algoz, daquele que apoia alguém em situação de risco, ao que dela tira proveito, aniquilando-lhe a mente com um ato de barbárie.

A partir daquele momento, Margot se rebela contra sua beleza e feminilidade, e também contra sua raça. Corta os cabelos na tentativa de acabar com sua estética atraente. Foge aos gritos, sem importar-se com os alemães que poderiam pegá-la, pois assimila a ideia de que seus traços judaicos a denunciariam e seria morta injustamente. Perturbada, é pega pelos nazistas e enviada a um campo de concentração, onde morre nua entre estranhos. “She paid dearly for the sin of being born” (PHILLIPS, 1997, p. 175)⁷. O único crime praticado pela personagem é ter nascido. E ter nascido mulher, bonita e judia. O parágrafo termina

⁶ “O patriarca de onde estava escondida disse-lhe que as coisas estavam muito ruins, e então uma noite, quando sua esposa estava fora, foi visitá-la. Ele olhou para ela, e tocou-a, mas Margot não ousou gritar, pois gritar seria trair seu esconderijo. (Agora você é uma garota muito bonita, mas à medida que envelhecer, suas características raciais aparecerão.) E então ele a beijou, e tentou abrir seus lábios com sua boca grande, e Margot sentiu o peso da sua mão pesada sobre ela. Que dureza esse homem concentrado enquanto empurrava, as gotas de suor surgindo sobre a testa, individuais, uniformemente espaçadas. Margot começou a contar. Siggi não disse nada. E então ele retirou-se tranquilo de seu corpo e saiu. Dentro ela sangrou, e sua mente caiu por um lance de escadas e bateu a cabeça”.

⁷ “Ela pagou caro pelo pecado de ter nascido”.

com um pensamento da vítima, questionando o leitor, para verificar se o horror a ela imposto o motivaria a tomar uma posição contrária, levando-o a evitar a repetição de fatos como esse, ou se teria assimilado a mentalidade que, na melhor das hipóteses, suporia a morte como o melhor fim para acabar com o sofrimento de uma moça judia, abusada psicológica e sexualmente: “(Did you think of me that morning as I stumbled naked and shivering towards my death? Did you think of me?)” (p. 175-176)⁸.

Malka é uma personagem que representa o velado preconceito contemporâneo. Uma negra-judia, que sofre preconceito de quem deveria ser seu “próximo”, no entanto, a questão racial prevaleceu à religiosa. Ao narrar os acontecimentos da vida de Malka, Phillips cria imagens muito parecidas com as sofridas por Eva durante o período do totalitarismo alemão, especialmente na descrição da partida de Malka de sua terra natal: “And then you herded us on to buses. [...] And then on to the embassy compound, where we were stored like thinning cattle. Grazing on concrete” (p. 199).⁹ Esta imagem de pessoas tratadas como gado é muito semelhante à descrição de Eva do vagão lotado, repleto de pessoas a quem não é sequer dada a oportunidade da decência, tratadas pior que animais, pois não são nem alimentadas.

Naturalmente, as situações são diferentes. A história de Malka gira em torno de um esforço de vida melhor, enquanto Eva viaja para o campo da morte. Mas ambas rumam para um lugar estranho e estrangeiro. E ambas têm a mesma decepção a respeito do seu despertencimento, Malka pergunta: “I ask you, is this home?” (p. 207)¹⁰.

Quando Eva vai à Inglaterra para recomeçar sua vida com a promessa de um casamento, ela é vista como uma excentricidade. Ela está completamente deslocada. Seu mundo era um lugar de grandes privações: o campo de concentração nazista. Sua vida, e as das pessoas ao seu redor, estava se esvaindo e era puramente baseada na sobrevivência. O mesmo acontece com Malka, embora de forma mais branda. A precariedade do seu local de origem era extrema. Ao chegar a Israel, sua

8 “(Você pensou em mim na manhã em que eu tropecei despida e com frio em minha morte? Você pensou em mim?)”

9 “E então vocês nos arrebanharam em alguns ônibus. [...] E, em seguida, para a embaixada, onde fomos armazenadas como gado de corte. Pastoreio em concreto”.

10 “Eu lhe pergunto, isso é lar?”

mãe destruiu uma televisão, pois estava passando uma imagem de fogo e ela nunca havia visto um aparelho assim. Tal qual Otelo, ambas tentam infrutiferamente adaptar-se.

O enredo de Malka, apresentando uma tríplice forma de preconceito, depois da guerra, o que poderia ser levemente entendido como “tempos de paz”, chama a atenção para todas as formas de preconceito que permanecem vivas, bem como o preconceito por-*vir*.

As formas de maldade contra seres humanos representadas em *The Nature of Blood* põem em evidência a crueldade humana. Como é possível que o *Homo sapiens* cometa tamanhas atrocidades, sem um motivo justo? Em *Estados-da-alma da psicanálise*, Derrida questiona o conceito de crueldade, possibilitando mais um passo na tentativa de (des)construir uma ideia da natureza do sangue humano-animal.

221

Quer assinalando a palavra *crueldade* em sua ascendência latina, isto é, a uma necessária história de sangue derramado (*crucor, crudus, crudelitas*), de crime de sangue, dos laços de sangue, quer situando-a em outras línguas e outras semânticas (*Grausamkeit*, por exemplo, é a palavra de Freud) sem ligação com derramamento de sangue, no caso, mas para designar o desejo de fazer ou de se fazer sofrer por sofrer, mesmo de torturar ou de matar, de se matar ou de se torturar *por* torturar ou por matar, *para* sentir um prazer psíquico no mal pelo mal, mesmo *para* gozar do mal radical, em todos esses casos a crueldade seria difícil de *determinar* ou de *delimitar* (DERRIDA, 2001, p. 6).

O filósofo segue as reflexões/refrações sobre essa disposição a ser cruel, lembrando que, mesmo não sendo a única linguagem possível para se falar em crueldade, a psicanálise seria o que sem *álibi* teológico ou outro melhor discutiria a questão da crueldade psíquica.

Se existe alguma coisa de irredutível na vida do ser vivo, na alma, na psique (por que não limito meu propósito a esse ser vivo que se chama homem, e portanto, deixo em suspenso a imensa e temível questão, a meu ver ainda aberta, da animalidade em geral e de saber se a psicanálise é ou não, de fora a fora, uma antropologia) e se essa coisa irredutível na vida do vivo é bem a possibilidade da crueldade (a pulsão, se preferirem, do mal pelo mal, de um sofrimento que jogaria o jogo do gozo de sofrer de um fazer sofrer ou de um fazer-se sofrer pelo prazer), então nenhum outro discurso – teológico, metafísico, genético, fisicista, cognitivista etc. – saberia abrir-se para tal hipótese (DERRIDA, 2001, p.8).

A psicanálise seria, então, a linguagem mais próxima de uma

discussão coerente sobre a crueldade, levando-se em conta o fato de não estar completamente fechada no chamado “animal racional”. As cenas de crueldade descritas no romance de Phillips são exemplos de um fazer-o-mal-pelo-mal. Muito antes dos horrores vividos por Eva durante a Shoah, outros judeus já haviam sido vítimas da crueldade europeia: Em 1349, os cristãos de Colônia começam a praticar atos violentos contra os judeus, por medo de pragas. A situação fica tão caótica que eles aglomeram-se em suas sinagogas e ateam fogo, suicidando-se enquanto recitam as orações de seus ancestrais. Os poucos sobreviventes permanecem na região até serem expulsos, readmitidos e, por fim, em 1424, decidem migrar para Portobuffolè, por terem ouvido que na República de Veneza a vida era mais segura. Chegando lá, são colocados em um gueto, o qual é fechado durante a noite para evitar a violência dos antissemitas.

A trama se desenvolve narrando a história de Servadio, Moses e Giacobbe, os quais trabalham como usurários, emprestando dinheiro aos venezianos. Por ocasião dos preparativos para a Páscoa de 1480, um mendigo desaparece e os três são acusados de tê-lo matado para ingerir o sangue do cristão. Todas as pessoas próximas a esses judeus são julgadas juntamente com eles, sendo que, sob tortura, Servadio, Giacobbe e Moses confessam o assassinato e são condenados à fogueira.

A incongruência arregala os olhos do leitor do romance durante a descrição da entrada da corte no Palácio do Doge, onde há uma inscrição em latim, na qual os venezianos acreditavam piamente. O conteúdo de tal inscrição é o que segue:

Before everything, always investigate scrupulously to find the truth with justice and clarity. Do not condemn anyone without a sincere and just trial. Do not judge anyone based on suspicion, but research well and in the end find a merciful sentence. And do not do to others what you would not want done to yourself. (PHILLIPS, 1997, p. 96).¹¹

Nenhum dos preceitos condiz com a atitude da população da Sereníssima República. A sentença misericordiosa, a qual nunca desejariam para si, dada pelos senadores aos judeus, é prisão e exílio

¹¹ “Antes de tudo, sempre investigar minuciosamente para descobrir a verdade com justiça e clareza. Não condenar ninguém sem um julgamento justo e sincero. Não julgue ninguém com base em suspeitas, mas pesquisar bem e no fim encontrar uma sentença misericordiosa. E não fazer aos outros aquilo que não gostaria que fizessem a si mesmo”.

para uns, e uma caminhada pelo Grand Canal com bolas de ferro amarradas às pernas para os que seriam queimados na fogueira em praça pública. Estes últimos confessam o crime após serem torturados com *strappada* ou “suspensão reversa”: com os braços amarrados às costas, são pendurados com pesos amarrados aos pés, e a corda é puxada de forma a suspendê-los. Caso não confessem, receberão mais solavancos da corda até que a dor lhes tire a consciência, fazendo-os falar qualquer coisa que o torturador ordene. Essa não parece uma forma de “investigar minuciosamente para descobrir a verdade com justiça e clareza”. Também não parece algo que gostariam que fosse feito a eles próprios, por mais masoquistas que pudessem ser.

Diante de uma numerosa plateia comovida pelo poder da fé cristã e dos guardas oficiais de Veneza, Giacobbe e Moses debatem-se até a morte, enquanto Servadio permanece imóvel enquanto as chamas o consomem. Essa é sua maneira de demonstrar a força de sua cultura e fé, embora seja pequena para destruir um sistema injusto, que institui o horror ao seu povo, e é mais forte que o fogo: derrota Servadio, o que não é obtido pelo suplício do fogo, já que resiste à dor enquanto arde em chamas. É como se Servadio houvesse se enrijecido, acostumado às agruras infligidas aos indivíduos de seu povo, os quais haviam sido queimados em muitas épocas.

As cinzas que restam dos três judeus dispersam-se rapidamente no ar, como se tudo pudesse ser esquecido. Contudo, essas cinzas continuam misturadas ao ar que os europeus e judeus respiram, voltando a inflamar cinco séculos depois, no mesmo continente.

Essa crueldade praticada pelo prazer de ver sofrer, tratada por Derrida como “crime”, esbarra na questão do princípio de responsabilidade, o qual ele alerta, no *post-scriptum* de *Estados-da-alma da psicanálise*, para uma contradição no fato de a psicanálise ser a única aproximação possível e sem alibi de se falar em crueldade, pois, ela ainda existiria quando praticada contra si?

Haveria então crueldade sem que alguém seja cruel. Nenhum crime, nenhuma incriminação ou recriminação possíveis, nenhum julgamento, nenhum direito. Crueldade aí existe. Crueldade aí haverá, antes de toda figura pessoal, antes que “cruel” torne-se atributo, menos ainda o erro de alguém. (DERRIDA, 2001, p. 91).

Quando Eva se suicida, este ser reduzido a animal sem alma, após ter dado mais de si do que podia imaginar, ainda é responsável por seu ato. Apesar de todo o sofrimento exterior, a crueldade final é praticada por ela mesma. Eva não consegue seguir em frente. Impossibilitada em seu desejo de reencontrar a família e traída em seu desejo de começar outra, não conseguindo fazer Gerry – o soldado americano por quem se apaixonou e que lhe deu esperança de um futuro ao seu lado – entender sua importância nesse recomeço, pois é seu único elo com o mundo além-campo, ao perceber-se sozinha, desta vez em definitivo, emudece, por não haver a quem transmitir o legado da memória do horror. Se não consegue esquecer, nem seguir em frente, não há razão para existir. Uma faca corta o sopro de vida tantas vezes engasgado pelo nazismo.

224

Após enfrentar as dificuldades de precisar deixar uma casa grande e confortável para viver em um gueto, testemunhar a crueldade contra seu povo nas ruas, ser afastada dos familiares, sobreviver ao horror extremo do campo de concentração nazista e passar pelo campo de refugiados, Eva chega a Londres, em busca da reconstrução de sua vida, e da construção de uma nova família.

Ao decepcionar-se com Gerry, a esperança se esvai e não suporta carregar mais uma dor. Como Cytrynowicz comenta,

A solidão do sobrevivente é dor de descobrir-se em um mundo em que tudo tem a mesma aparência, homens, carros, médicos, caminhões, chuveiros, e não poder entender como tudo isto se transfigurou em uma gigantesca máquina de morte. É dor pela sensação de absoluto isolamento em um mundo no qual seres humanos – máxima semelhança – se tornaram assassinos de um povo. (CYTRYNOWICKZ, 2003, p. 136-137)

Não encontrando sua “terra prometida”, sem família, sem amor, sem saúde, sem esperança, Eva despede-se da representação de si mesma criada por sua mente, sua autoprojeção, dizendo que tudo ficará bem e, então, dá um fim à sua dor. Após a tentativa falha de erguer as ruínas de sua sobrevivência, o que resta a ela é uma oportunidade para tirar a própria vida. Na imagem final da personagem, ela tenta acalmar seu próprio ser diante da crueldade a ser praticada contra si, como se consciente e inconsciente se comunicassem. Freud assim discorreu a respeito do matar-se:

Mesmo a intenção consciente de cometer suicídio escolhe sua época, seus meios e sua oportunidade; e

é perfeitamente consonante com isso que a intenção inconsciente aguarde uma ocasião que possa tomar a seu encargo parte da causação e que, ao requisitar as forças defensivas do sujeito, liberte a intenção da pressão destas. (FREUD, 1996, p. 183-184)

Seria então, algo intrínseco esse desejo de fazer o mal, mesmo a si? Estaria Hannah Arendt errada ao afirmar que se pratica o mal por vazio de pensamento? Se todos os seres considerados humanos são passíveis de praticar o mal, então a racionalidade não é a condição principal para distinguir os homens dos animais. Em seu diálogo com Roudinesco, ao tratar sobre o racismo, Derrida lembra que:

Freud considerava inextirpáveis as pulsões de morte e de destruição, a “crueldade” originária do “sadismo” ou do “masoquismo”. Ele próprio teve dificuldades em deduzir logicamente as consequências éticas ou políticas quanto ao que chama de cultura da civilização. Ele acredita e não acredita no progresso. [...] Mas caso não se queira se entregar passivamente a essa confusão (por exemplo sob o pretexto de que a agressividade e esse ódio do outro, até mesmo do outro em si, não podem ser erradicados), então é preciso ao mesmo tempo repensar as heranças e “retomar tudo do zero” – tanto do lado da psicanálise como do lado do direito, da moral e da política. Embora se chame a isso de “desconstruir”, é preciso não buscar aí “teses” ou respostas prontas. O por-vir não se deixa reduzir aqui. É o sinal de que essas tarefas permanecem claramente, num sentido dessa palavra que deve sofrer a mesma reelaboração, “históricas” (DERRIDA; ROUDINESCO, 2004, p. 148-149).

Na tentativa de evitar casos extremos de terror, como o nazista infligiu, essa desconstrução é uma atividade importante enquanto ferramenta para novas miradas a respeito de conceitos tidos como fechados, ideais instituídos como nobres e seres considerados privilegiados, ou não.

Pouco antes de Eva e sua família serem enviadas para o gueto, a moça judia narra os acontecimentos e a sensação de ser considerada uma animal a ser caçado, aprisionado, para depois ser submetido a trabalhos forçados e morto: “There was humiliation. There was the daily anxiety of being easy prey for groups of men who ran through the streets yelling slogans” (PHILLIPS, 1997, p. 85)¹². É evidente na expressão “presa fácil” que Eva experimenta a sensação humilhante de ser considerada

12 “Havia humilhação. Havia a ansiedade diária de ser presa fácil para grupos de homens que corriam pelas ruas gritando slogans”.

uma subespécie. No entanto, a presa é o alimento de um outro animal. A imagem da presa (substantivo) presa (verbo) entre os dentes de outro animal, ou em suas garras, em comparação com a cena narrada por Eva, retorna à questão da animalidade. Assim, a iterabilidade do caso balança a noção de quem é humano quem é animal. A presa é o animal do animal. Seria assim, menos animal do que aquele que a tem entre os dentes?

Em *The Beast and The Sovereign* (A besta e o soberano), Derrida retoma a fábula de La Fontaine, “O lobo e o cordeiro”, para caracterizar esse jogo infundável do poder, do bem e do mal, da supremacia do mais forte.

Note, with what are called “current events” in mind, that in La Fontaine’s fable revenge has to unleash itself blindly against all those who are presumed to be related, allied, socially or by blood, by a link of fraternity, with the presumed guilty party, be it a child, a powerless lamb that is basically accused of being guilty before even being born. The lamb is accused of having muddied the wolf’s water, his source or his resource, before even being born. And when the lamb argues back and says, “I wasn’t born yet”, the wolf replies forthwith and without a moment’s hesitation the famous phrase that accumulates all the perversions of collective, transgenerational, familial or national, nationalistic and fraternalistic accusation: “If not you, your brother, then” [Si ce n’est toi, c’est donc ton frère]. You are therefore guilty at birth, by your birth, guilty for being born what you were born. Originary culpability, responsibility, or liability, ursprüngliche Schuldigsein of the lamb the figure of which you can, if you like, reinterpret either on the basis of the Bible and the Gospels (the Christly lamb) or against a Greek background. (DERRIDA, 2009, p. 209)¹³

A vingança do lobo é contra um cordeiro que não tem culpa, no entanto é a presa do lobo, do soberano, ou besta que quer matá-lo

13 “Note, com os chamados “eventos atuais” em mente, que na fábula de La Fontaine a vingança desencadeia-se cegamente contra todos aqueles que se presume estarem relacionados, aliados, socialmente ou pelo sangue, por uma ligação de fraternidade, com o presumido culpado, seja uma criança, um cordeiro impotente que é, basicamente, acusado de ser culpado antes mesmo de nascer. O cordeiro é acusado de ter sujado a água do lobo, sua fonte ou seu recurso, antes mesmo de nascer. E quando o cordeiro argumenta, dizendo: “Eu ainda não tinha nascido”, o lobo responde imediatamente e sem um momento de hesitação a famosa frase que acumula todas as perversões da acusação coletiva, transgeracional, familiar ou nacional, nacionalista e fraternalista: “Se não foi você, então foi seu irmão” [Si ce n’est toi, c’est donc ton frère]. Você é, portanto, culpado de nascência, pelo seu nascimento, culpado por ter nascido o que você nasceu. Culpabilidade originária, responsabilidade, ou imputabilidade, ursprüngliche Schuldigsein do cordeiro, a figura que você pode, se quiser, reinterpretar com base nos Evangelhos da Bíblia (o cordeiro Cristo) ou contra um fundo grego”.

simplesmente por ter nascido cordeiro. Assim como os judeus, negros, homossexuais e tantas outras vítimas do preconceito são mortas, violentadas, humilhadas, enfim, consideradas culpadas por terem nascido como nasceram. Assim como Margot, que pagou caro pelo pecado de ter nascido judia e mulher, os judeus de Portobuffolè por assim o terem nascido, Otelo, por nascer negro e Malka também, sendo esta última presa da presa, sofre preconceito dos próprios judeus. Tal qual a alusão de Derrida a Jesus de Nazaré, o cordeiro crucificado a pedido do seu próprio povo.

Como o lobo gostaria de exterminar os cordeiros, provando assim sua superioridade, os perpetradores do mal por motivos raciais o fazem com os menosprezados. Muitas vezes os cordeiros foram alimentos/presas dos lobos, não sendo chamados culpados de serem presa. Analogamente, pode-se lembrar dos benefícios econômicos, ou, pelo menos, bancários, proporcionados pelos judeus aos seus algozes. Ainda, que Otelo foi o general vencedor da guerra dos venezianos contra os turcos, antes de ser considerado indigno de desposar a filha de uma autoridade da Sereníssima República. A máscara veneziana que Otelo tenta usar – estudando o idioma, comprando roupas locais –, em nada o ajuda diante de uma sociedade cheia de conceitos formados pela hegemonia. Phillips dá uma explicação do porquê, em uma terra de militares, um mouro ser convidado para ser o chefe do exército: “the republic preferred to employ the services of great foreign commanders in order that they might prevent the development of Venetian-born military dictatorships.” (PHILLIPS, 1997, p. 108)¹⁴. Ou seja, ao convidar Otelo para liderar seu exército, a hegemonia pretende evitar a perda de poder, pois já sabem que, mesmo sendo bem-sucedido em sua função, um estrangeiro não seria aceito como uma grande autoridade administrativa. Sendo negro, poderia apenas cumprir as obrigações estabelecidas pelos governantes europeus, em um cargo a eles submisso. Otelo, a celebridade imigrante que tenta desempenhar um papel importante onde pretende estabelecer seu novo lar, é surpreendido pelo fato de o preconceito tê-lo perturbado a ponto de não conseguir mais tomar a importante decisão de onde repousar até a velhice. Sabe que, mesmo com um casamento feliz, a dificuldade de aceitação e adaptação ao mundo racista veneziano é maior que qualquer batalha já enfrentada.

¹⁴ “a república preferia contratar os serviços de um grande comandante estrangeiro para evitar o desenvolvimento de ditaduras militares nascidas em Veneza”.

Em seu livro *A condição humana*, Arendt enfoca quão equívoco é julgar as pessoas por sua raça ou aparência:

Na ação e no discurso, os homens mostram quem são, revelam ativamente suas identidades pessoais e singulares, e assim apresentam-se ao mundo humano, enquanto suas identidades físicas são reveladas, sem qualquer atividade própria, na conformação singular do corpo e no som singular da voz. Esta revelação de “quem”, em contraposição a “o que” alguém é – os dons, qualidades, talentos, defeitos que alguém pode exhibir ou ocultar – está implícita em tudo o que se diz ou faz. Só no completo silêncio e na total passividade pode alguém ocultar quem é; geralmente, porém, não basta o propósito deliberado de fazer tal revelação, como se a pessoa possuísse e pudesse dispor desse “quem” do mesmo como possui e pode dispor de suas qualidades. (ARENDR, 2000, p. 192)

228

Portanto, a palavra, o que Derrida afirma ser o próprio do homem é que revela sua humanidade e possibilita a maioria dos impasses, da violência apresentada neste trabalho. O filósofo discorre a respeito da diferença entre homem e animal, nos seguintes termos: “o animal seria em última instância privado de palavra, dessa palavra que se chama nome” (DERRIDA, 2011, p. 88). E conclui que a questão da humanidade/animalidade não se resolveria simplesmente restituindo a palavra aos animais, mas acedendo a um pensamento – mesmo quimérico – capaz de liberar a questão da ausência nominal. Em um jogo entre a palavra “animal” e “*mot*” (“palavra” em francês), encontra o rastro para definir o animal que logo é: animal autobiográfico. Como muitos escritores que tendem à confiança biográfica (Cf. DERRIDA, 2011, p. 89).

Ao desenvolver sua ideia de humanidade, Arendt, diz que a responsabilidade pelos crimes cometidos contra os seres humanos é de todos:

Em termos políticos, a ideia de humanidade, que não exclui nenhum povo e não atribui o monopólio da culpa a nenhum deles, é a única garantia de que uma após a outra “raça superior” não se sinta obrigada a seguir a ‘lei natural’ do direito dos poderosos, e a exterminar as ‘raças inferiores indignas de sobreviver’ de modo que, ao final de uma ‘era imperialista’, estaríamos num estágio em que os nazistas iriam parecer os toscos precursores de futuros métodos políticos. Seguir uma política não imperialista e manter um credo não racista se torna cada vez mais difícil, porque a cada dia fica mais claro o peso da humanidade para o homem. (ARENDR, 2008, p. 160)

Pode-se acrescentar: o peso da animalidade também. Derrida

circunfessou ser um animal autobiográfico, vítima do preconceito por seu sangue judeu, como contou a respeito da sua expulsão do liceu e das peripécias praticadas enquanto se recusava a frequentar a escola judaica, “a cada data uma gota de sangue, uma data basta para deixar o geologicial no mesmo lugar, como a que viste perlar no dorso da menina que se deixa distraidamente enrubar, penosamente, gestos seguros mas tão canhestros quanto os do mamífero ao nascer” (1996, p. 174). Caryl Phillips poderia assim considerar-se um animal escritor, ou o que quer que sua literatura, sua não-ficção, ou, suas demais atividades diárias possam permitir, como disse a estudantes em Leeds, na Inglaterra, local onde sentiu na pele a força do preconceito:

I never want anybody to read a book that I've written and feel the same about the world when they've finished the book. I want them to feel differently about the world. I want them to see the things around them in a slightly different way, even something as simple as I want them to be kinder to other people, or to be more tolerant of difference, you know? Or look to the person that is selling “The Big Issue”. I want people to think with more empathy about the world around them. (PHILLIPS, 2010)¹⁵

Um animal sonhador? Negro, caribenho, levado à Inglaterra quando criança, residindo e trabalhando nos Estados Unidos, escreve com a esperança de que as formas de preconceito – se não puderem ser extintas – sejam abrandadas. A esperança de um fim do preconceito também é o desejo do animal racional autor deste trabalho. Brasileiro, de descendência europeia, circuncidado sem ser judeu, escrevendo sobre preconceitos dos quais não é vítima, talvez por medo de um dia sê-lo.

Independente da natureza do sangue, esse elo que une todos os seres vivos, dando-lhes o direito de assim continuarem sendo (vivos, que seu sangue não seja derramado). Para evitar a repetição de horrores como os narrados por Phillips, cada ser poderia pensar sobre sua humanidade/animalidade, quais rastros segue, qual o animal que logo é.

15 “Eu não quero que ninguém leia um livro que escrevi e sinta o mesmo a respeito do mundo quando terminar o livro. Eu quero que sintam de maneira diferente sobre o mundo. Eu quero que eles vejam as coisas ao seu redor em uma forma ligeiramente diferente, mesmo algo tão simples quanto eu desejar que sejam gentis com as outras pessoas, ou mais tolerantes com a diferença, sabe? Ou olhar para a pessoa que está vendendo ‘The Big Issue’ [revista vendida por sem-tetos]. Eu quero que as pessoas pensem com mais empatia em relação ao mundo ao seu redor.

BIBLIOGRAFIA

ARENDDT, Hannah. *Compreender: formação, exílio e totalitarismo* (ensaios). Trad. Denise Bottman. Org. Jerome Kohn. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

_____. *A condição humana*. Trad. Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

230

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1987.

COETZEE, John. M. *A idade do ferro*. São Paulo: Siciliano, 1992.

CYTRYNOWICZ, Roney. O silêncio do sobrevivente: diálogo e rupturas entre memória e história do Holocausto. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.) *História, memória, literatura – O testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003, p. 123-138.

DERRIDA, Jacques. *Circonfissão*. Trad. Anamaria Skinner. Rio de Janeiro, 1996.

_____. *Estados-da-alma da psicanálise. O impossível para além da soberana crueldade*. Trad. Antonio Romane Nogueira, Isabel Kahn Marin. São Paulo: Escuta, 2001.

_____. *O animal que logo sou: (a seguir)*. Trad. Fábio Landa. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

_____. *The Beast & The Sovereign*. Trad. Geoffrey Bennington. V. 1. Chicago: The University of Chicago Press, 2009.

DERRIDA, Jacques; ROUDINESO, Elisabeth. *De que amanhã: diálogo*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FREUD, Sigmund. Psicopatologia da vida cotidiana. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 183-184.

LOMBARDI, Andrea. Onde está nosso irmão Abel? In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). *História, memória, literatura: o testemunho na*

era das catástrofes. Campinas: UNICAMP, 2003, p. 209-225.

PHILLIPS, Caryl. *Conversations with Caryl Phillips*. Jackson: University Press of Mississippi, 2009.

_____. *In the Falling Snow*. Meeting with students and staff at Old Broadcasting House: Leeds. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=2ucTNFYp5oM>>. Acesso em: 12 set. 2010.

_____. *The Nature of Blood*. New York: Vintage, 1997.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François [et al.]. Campinas: UNICAMP, 2007.

_____. *Tempo e Narrativa – tomo III*. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Papyrus, 1997.